



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v58i1.2994>

PROTESTANTISMO NA FRONTEIRA OPERÁRIA BRASILEIRA: A SOLIDARIEDADE FIEL NA RELAÇÃO COM O OPERARIADO BRASILEIRO – 1963¹

*Protestantism in the Brazilian worker frontier:
Faithful Solidarity in relationship with the Brazilian working class – 1963*

André Bousfield²

Resumo: Este artigo visa apresentar um missionário estadunidense que trabalhara na década de 1940 nos EUA com operários mineiros de carvão mineral, bem como com suas famílias. Esse missionário, Richard Charles Smith, também trabalhou nesse mesmo perfil no Brasil no início da década de 1960. Embora membro da PCUSA, no Brasil trabalhara junto com a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) na região carbonífera de Santa Catarina (1960-1963) e posteriormente por um ano e meio na cidade de São Paulo. Defendemos a tese de que a teologia de Richard C. Smith, intitulada Solidariedade Fiel, é filha direta do Evangelho Social estadunidense, e que ao se deparar com a realidade brasileira, percebeu um problema já percebido em outros contextos de industrialização do mundo: um distanciamento e uma desconfiança dos protestantismos históricos em relação ao operário comum, suas famílias e seus dilemas. No Brasil, Smith bradou esses alertas no principal veículo de comunicação da IPB: o jornal *Brasil Presbiteriano*. O título do artigo: *A Igreja na fronteira operária*, e um dos subtemas ligados ao contexto brasileiro especificamente: *Províncias abandonadas do protestantismo*. Neste artigo, apresentamos uma análise desses alertas de Richard C. Smith à IPB e ao mundo protestante brasileiro, sobretudo em relação ao seu distanciamento da classe trabalhadora, e a percepção consciente dessa classe diante desse abandono.

Palavras-chave: Operariado. Richard C. Smith. Protestantismo. Igreja Presbiteriana do Brasil.

Abstract: This article shows an American missionary who worked in the 1940s in the USA with coal miners and their families. This missionary, Richard Charles Smith, also worked in this same profile in Brazil in the early 1960s. Although a member of PCUSA,

¹ O artigo foi recebido em 30 de março de 2017 e aprovado em 23 de junho de 2017 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia pela Faculdades EST de São Leopoldo (2016), com apoio da CAPES, professor de História no Ensino Básico na Escola Madre Teresa Michel e Colégio São Bento em Criciúma (SC), professor no curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião na FATIN (Faculdade de Teologia Integrada) (PE), polo em Criciúma (SC). Contato: andre_bousfield@hotmail.com

in Brazil he worked with the Presbyterian Church of Brazil (IPB) in the coal-mining region of Santa Catarina (1960-1963) and later for a year and a half in the city of São Paulo. We defend the thesis that the theology of Richard C. Smith, entitled Faithful Solidarity, is a direct daughter of the American Social Gospel, and that when faced with the Brazilian reality, he perceived a problem already perceived in other contexts of industrialization of the world: a detachment and a distrust of historical Protestantism toward the common worker, their families, and their dilemmas. In Brazil, Smith warning of these alerts in the main vehicle of communication of the IPB: the newspaper Brazil Presbyterian. The title of the article: The church at the workers frontier, and one of the sub-themes linked to the Brazilian context specifically: Abandoned Provinces of Protestantism. In this article, we show an analysis of these alerts of Richard C. Smith to the IPB and the Brazilian Protestants, especially in relation to their distancing from the working class and the conscious perception of this class in the face of this abandonment.

Keywords: Worker. Richard C. Smith. Protestantism. Presbyterian Church of Brazil.

Introdução

O que se apresenta aqui parte de observações e pesquisa, um recorte específico, na relação entre teologia e história. É motivado também pelas inquietações que reverberam pelo Brasil nesses tempos, acerca das questões sobre o operariado brasileiro e pela construção e propagação de um discurso de repulsa, que ecoa por vários meios, pregado contra tudo que tem relação com o mundo operário, como partidos políticos, teologias, sindicatos ou movimentos sociais populares. E também pela postura do atual governo do Brasil em ampliar a vida de trabalho dos trabalhadores brasileiros juntamente com um discurso de reforma, visando, pelo menos em termos de discurso oficial, à não falência da previdência nacional. Isso sem falar de outras intenções que discursam sobre a retirada de direitos trabalhistas já conquistados, com a promessa de retomar o crescimento da economia brasileira. Ecos e conversas que preocupam e atormentam.

Pontua-se sobre uma teologia que adquiriu um caráter personalista, que se autoapresentou “Solidariedade Fiel”³. Seu autor e aplicador foi o pastor presbiteriano de Nova Iorque, Richard Charles Smith, especialmente entre operários mineiros e suas famílias em *West Virginia* na década de 1940.⁴ Também no Brasil, entre operários mineiros de Santa Catarina, e por um brevíssimo momento na grande São Paulo, na década de 1960, às vésperas do golpe de 1964, época em que a questão do operariado também estava no centro das questões da época.⁵ A tese apresentada defende que a Solidariedade Fiel é filha direta do *Social Gospel* estadunidense e que diretamente aportou no Brasil.⁶

³ BOUSFIELD, André Augusto. *Entre e o Reino de Deus e o Reino do carvão: a teologia da Solidariedade Fiel de Richard Charles Smith nos EUA e no Brasil*. 2016. 333 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 2016. p. 120.

⁴ BOUSFIELD, 2016, p. 131.

⁵ BOUSFIELD, 2016, p. 166-211.

⁶ BOUSFIELD, 2016, p. 289-296.

O que especificamente se analisa são os alertas ao protestantismo brasileiro, especialmente à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), em relação ao mundo operário que a Solidariedade Fiel bradou. Por outro lado, nessa mesma toada, uma reflexão teológica compartilhada ao operariado brasileiro. Muito mais do que a sua prática em si, o foco neste artigo, parte de um artigo de Smith, *A Igreja na fronteira operária*,⁷ publicado em 1963 no jornal oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), o *Brasil Presbiteriano*, em quatro edições. A parte que aqui se analisa é intitulada: *Províncias abandonadas do Protestantismo*.⁸

Parte-se dos alertas da sociologia de Norbert Elias que prescreve que não existe a possibilidade de separar o indivíduo social do mundo social, em termos de análise ou em termos de qualquer outro engendramento. O que realmente existe e pode ser observado, e que não pode ser comparado a nada na realidade, são os relacionamentos sociais que geram resultados históricos que não podem ser previstos, e é isso que faz com que a realidade social seja sempre nova e passível de análise.⁹ Estudar um indivíduo é estudar o social de sua época. Aqui, busca-se esse relacionamento entre a teologia da Solidariedade Fiel de Smith, o protestantismo brasileiro e o operariado brasileiro. Além disso, tem-se como base a teologia latino-americana, que prenuncia que a reflexão teológica, em termos de sanidade e pertinência, sempre deve partir como primeiro ato de uma problematização da realidade.¹⁰ Foi desse alerta que o foco deste se direcionou à Solidariedade Fiel em relação ao mundo operário.

A Solidariedade Fiel: dos EUA ao Brasil

O nova-iorquino Richard C. Smith nasceu em 14 de dezembro de 1914 em *Morrisville*.¹¹ Em sua infância e juventude, experimentou os impactos sociais e econômicos da “Quebra da Bolsa de Nova York”. Já membro da PCUSA (Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América) em sua juventude, foi realizar seus estudos teológicos no Seminário Teológico de *Princeton* no final da década de 1930, de 1937 a 1941.¹²

Sua ordenação como pastor se deu em 1941.¹³ Já casado com Beatrice Boot Smith¹⁴, Smith fora missionário em *West Virgínia*, na região de *Morgantown*, na década de 1940, entre 1941 e 1952.¹⁵ Essa região vivera a exploração do carvão mineral e

⁷ SMITH, Richard Charles. A igreja na fronteira operária. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, ago. 1963. 4 v.

⁸ SMITH, 1963, v. 1, p. 1-2.

⁹ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 19.

¹⁰ LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia*: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996. p. 339.

¹¹ SMITH, Richard Charles. *Ficha Biográfica e Eclesiástica do Rev. Richard Charles Smith*. EUA. [19-?]. Arquivo do Presbyterian Historical Society. RG360FILE.

¹² SMITH, Richard Charles. *Interview of Richard Charles and Beatrice Boot Smith*: a 60 minute audio tape recorded at Westminster Gardens, a Presbyterian retirement home. Philadelphia, Presbyterian Historical Society [call no.: CASSETTE TAPE 1936]. 03 fev. 1987. Entrevista concedida à PCUSA.

¹³ SMITH, [19-?].

¹⁴ SMITH, 1987.

¹⁵ SMITH, [19-?].

os problemas relacionados a esse tipo de atividade, tais como: acidentes de trabalho; crise econômica devido à “Quebra da Bolsa” e sucessivamente a “Grande Depressão”; a segregação étnica de brancos e afro-americanos, pelo fato de *West Virginia* ser um estado que segregava a partir das leis *Jim Crow*¹⁶; além da poluição do solo, da água, do ar e na vida da população.¹⁷ Essa experiência deu a Smith uma expressão nacional, afinal ele trabalhou contra aqueles eventos e suas situações, sobretudo contra a pobreza e a segregação étnica, e isso repercutiu na imprensa, no governo dos EUA e sobretudo na família de Franklin Delano Roosevelt.

Na década de 1950, Smith e família mudam-se para *San Anselmo* na Califórnia, para ele trabalhar como professor do Seminário Teológico São Francisco. Nessa função como professor, Smith ficou encarregado do “Departamento do Seminário para trabalho de campo”¹⁸, área que apurava e analisava as aptidões dos aspirantes para os campos pastoral e missionário.¹⁹

Depois desses episódios, Smith muda-se para a Suíça, para cursar o doutoramento em Teologia pela Universidade de Genebra.²⁰ Defendida a tese, intitulada *A critical evaluation of industrial evangelism in United States of America*²¹, recebera, já tendo retornado aos EUA, o comunicado de que seu trabalho missionário seria no Brasil, numa outra região de mineração de carvão: o extremo sul de Santa Catarina, nos arredores de Criciúma/SC.²²

Chega ao Brasil em janeiro de 1961, enviado pela Missão Presbiteriana Brasil Central.²³ Nesse período em Criciúma, de 1961 a 1962, Smith trabalhou como pastor, organizou o trabalho presbiteriano em uma paróquia e criou pontos de pregação pelas vilas operárias de Criciúma, expressando, em seus trabalhos, peculiaridades de cunho eclesialístico, mas também político, social e econômico.²⁴ Em 1963, depois de organizada a Igreja Presbiteriana de Criciúma, dirige-se ao maior centro de industrialização do Brasil, a cidade de São Paulo, para exercer ministério pastoral juntamente com o pastor José Borges dos Santos na Igreja Presbiteriana Jardim das Oliveiras, também na área de evangelização industrial.

¹⁶ JIM Crow Laws. Disponível em: <http://www.nps.gov/malu/learn/education/jim_crow_laws.htm>. Acesso em: 06 mar. 2017. As leis mais extravagantes, por exemplo, proibiam negros e brancos, desde que estes últimos não fossem descendentes de orientais, de estudarem juntos e frequentarem locais públicos juntos. Todas as leis *Jim Crow* foram revogadas pelo governo federal estadunidense em 1964.

¹⁷ SMITH, 1987.

¹⁸ SMITH, Richard Charles. *The Seminary department of field work (1952-1957)*. San Anselmo (CA): San Francisco Theological Seminary, 1957. p. 2. [tradução nossa].

¹⁹ SMITH, 1957, p. 7. [tradução nossa].

²⁰ SMITH, 1987.

²¹ SMITH, Richard Charles. *A Critical Evaluation of Industrial Evangelism in the United States of America*. 1959. 143 f. Tese (Doutorado em *Theology in Ecumenics*) – University of Geneva, Geneva, Switzerland, 1959.

²² SMITH, 1987.

²³ SANTOS, Higino Bento (Org.). *Livro de Atas do Conselho da Igreja Presbiteriana de Criciúma*. 1962. p. 2.

²⁴ BOUSFIELD, André Augusto. *Presbiterianismo em Criciúma: Uma análise a partir do trabalho missionário de Richard Charles Smith*. 2006. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – UNESC, 2006. p. 38-39.

Smith chamou esse tipo de ministério de “Solidariedade Fiel”²⁵. Ou seja, um ministério que encarna um olhar social das necessidades sociais dos mineiros e suas famílias como necessidades de cunho espiritual. Para ele, essa teologia da “Solidariedade Fiel” viraria práxis pelo que definia ora como capelania industrial, ora como evangelismo industrial.

A igreja na fronteira operária

O *Brasil Presbiteriano*, fundado em 1958, foi uma espécie de fusão dos jornais *O Puritano*, que circulava desde 1889, e *Norte Evangélico*, que circulava desde 1909. Até o presente ano, o *Brasil Presbiteriano* é uma das ferramentas para manifestações oficiais da IPB aos seus fiéis.²⁶

O texto que é tratado aqui fora publicado pelo *Brasil Presbiteriano* entre agosto e outubro de 1963. Ele foi publicado sob o mesmo título, *A Igreja na Fronteira Operária*, mas com subdivisões bem estanques, onde se percebem quatro artigos diferenciados, bem definidos, mas imbricados pela temática proposta: a evangelização industrial no Brasil e no mundo. Nos artigos não é mencionada a expressão “Teologia da Solidariedade Fiel”, mas se percebe essa teologia sendo tratada ao longo dos textos.

Províncias abandonadas do protestantismo

Esse primeiro artigo de Smith analisa criticamente o protestantismo mundial num tom muito parecido ao de Richard Niebuhr (1894-1962), quando coloca que “as igrejas dos pobres, cedo ou tarde, se transformaram em igrejas de classe média porque, tendo superado as necessidades, perderam muito do idealismo nascido dessas mesmas necessidades”²⁷.

O artigo de Smith no *Brasil Presbiteriano* inicia apresentando uma experiência pessoal sua, em *Yorkshire*, na Inglaterra. Um breve relato de sua práxis. Ele relata uma visita a um culto numa Igreja Metodista. Antes de chegar ao templo, notou grandes agrupamentos de mineiros – homens, mulheres, crianças – enfileirados no cinema, nos bares, nas calçadas. Na igreja havia trinta pessoas. Escreve o autor: “Note-se que a Igreja Metodista de *Castleford* é uma igreja importante, de uma denominação notável, que tem estado intimamente associada às classes laboriosas da Inglaterra”²⁸.

Ainda tratando do culto acima, o evangelista industrial relatou, como testemunha, uma bem elaborada liturgia de culto e um sermão academicamente bem construído sob a temática da vigilância cristã. Foi ministrada a Santa Ceia, e após o amém

²⁵ SMITH, Richard Charles. A evangelização industrial. *Revista Teológica do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas*, Campinas, n. 33 e 34, p. 91-113, 1964. p. 92.

²⁶ SILVA, Sandra Cristina da; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *Educação Imprensa: estratégia presbiteriana de educar por meio da imprensa protestante*. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Downloads/Dialnet-EducacaoImprensa-4701970.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2017.

²⁷ NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 41.

²⁸ SMITH, 1963, v. 1, p. 1-2.

tríplice, o ministro expressou suas palavras finais: “Ide, agora, em paz”. Alegou Smith que, após sua despedida da cordial igreja e do seu amável pastor, não sentiu paz. Seu sentimento vinha do paradoxo entre os que estavam sendo alimentados à “mesa do Senhor” e a lembrança do que testemunhara antes do culto, mineiros que não tinham o menor interesse de celebrar a “cerimônia de comunhão”. Esses operários estavam fora daquela importante igreja, onde constata Smith: “Esta era, certamente, uma província abandonada do protestantismo”²⁹.

Para o evangelista industrial de Nova Iorque, esse pequeno caso na Inglaterra sinalizava a não atuação da igreja protestante naquela época em todo o mundo industrializado. Ele reforça sua percepção através de pesquisa realizada pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), onde foi constatado que o protestantismo se dirigiu somente para um perfil social, alocando a classe operária a um continente espiritualmente abandonado.³⁰ Dessa constatação, Smith se expressa de forma crítica ao seu contexto protestante, que, em sua percepção, discriminava o trabalhador e o seu contexto. Quando o missionário se ampara no CMI, também se pode perceber traços ecumênicos em sua teologia.

Sua autoridade com seu conhecimento de causa em relação ao mundo protestante muito impressionam. Smith compartilha tais experiências com a IPB. Certamente muitos interpretaram, principalmente no âmago daquele tempo, o seu texto como de “esquerda”, ou “liberal”, ou como coisa de ecumênico. Conjectura-se isso também a partir das impressões advindas de outras leituras apontadas na pesquisa que gerou a tese do autor deste.³¹

Nesse mesmo contexto brasileiro, pouco antes de Smith chegar ao Brasil, outro missionário dos EUA esteve no Brasil. E que se não bastasse ter o mesmo nome de Smith, também estudou em *Princeton*. Trata-se de Richard Shaull (1919-2002).³² Richard Shaull estudou em *Princeton* entre 1938 a 1941.³³ Smith estudou entre 1937 a 1941, um ano a mais devido à conclusão do mestrado. Ambos foram influenciados por John Mackay, professor e presidente do Seminário de *Princeton*, sobretudo para o trabalho missionário na América Latina.³⁴ Não encontramos nenhuma menção da parte de Shaull em relação a Smith, e vice-versa. Sabe-se que foram contemporâneos.³⁵ O foco missionário de Richard Shaull também fora o operário e todo o seu contexto. Exemplo efetivo foi sua atuação na União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB), vinculada à Federação Mundial Cristã de Estudantes (WSCF), com ênfase na ação social de universitários. Inclusive foi na UCEB que se percebeu, em termos mais práti-

²⁹ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

³⁰ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

³¹ BOUSFIELD, 2016, p. 266-268.

³² BOUSFIELD, 2016, p. 108-110. Richard Shaull, que fora missionário na Colômbia de 1942-1950, atuou como professor de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas (SP) de 1952-1959.

³³ SHAULL, Richard. *Surpreendido pela Graça*: memórias de um teólogo, Estados Unidos, América Latina, Brasil. Tradução de Waldo Cesar. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 317.

³⁴ HENRY, Snyder Gehman. John Alexander Mackay: as President. *Princeton Seminary Bulletin*, Princeton, v. 52, n. 4, p. 3-14, May 1959.

³⁵ BOUSFIELD, 2016, p. 108.

cos, a influência de Shaull sobre seminaristas e estudantes, estimulando-os a trabalhar nas fábricas e a se envolver com sindicato, como na chamada Congregação da Vila Anastácio³⁶, nesse mesmo ambiente industrializado da cidade de São Paulo, vinculada à Igreja Presbiteriana da Lapa (SP), com uma casa e quadra de esportes.³⁷ Esse trabalho, objeto de muito entusiasmo, sobretudo por Shaull, não prevaleceu, durou dois anos, de 1957 a 1958. Shaull ficou um tempo razoável no Brasil, diferente de Smith, que ficou apenas de 1961 até início de 1964.

Continuando sobre o artigo de Smith no *Brasil Presbiteriano*, o autor pontua países como: Ceilão (*Sri Lanka*) e Malaia (atual Malásia), onde constata que a Ásia e suas poucas igrejas protestantes estavam paralisadas, e todas voltadas à classe média. Na Índia, o cristianismo naquele tempo não mantinha contato com as “classes laboriosas”³⁸. Já no Japão, terra de atuação de Toyohiko Kagawa (1888-1960)³⁹, um dos seus influenciadores diretos pela causa do operariado⁴⁰, na percepção de Smith, a igreja entrava em contato direto com os trabalhadores industriais. Na América Latina – num contexto que vem antes da teologia da libertação (TDL), percepção vinda certamente de outro missionário, o Dr. John Mackay, que fora seu professor em *Princeton* e um dos maiores estimuladores do seu trabalho –, os grupos menos alcançados pelas igrejas protestantes eram os intelectuais, grupo que era foco do trabalho de Mackay, e as classes operárias. Na Alemanha, compartilha o evangelista industrial, os operários estavam fora da igreja.⁴¹

Na “França – exceto entre os pentecostais ou o Exército da Salvação, o proletariado desertou da igreja”, escreveu Smith.⁴² As informações sobre a França refletem algumas nuances sobre o pensamento de Smith. Fica evidente que, para o evangelista industrial, igrejas pentecostais não são protestantes, pois ele os diferencia dos protestantes, afirmando que a classe operária estava presente entre os pentecostais. Destaca-se também que o termo “proletariado” não assustava Smith, por ser muito utilizado por marxistas, e naquele momento, por um jornal eclesiástico no artigo de um pastor.

Continua Smith, informando que na Suíça, os trabalhadores não querem a igreja. Na Escócia, a igreja não contemplava ações entre o operariado.⁴³ Trata-se, certa-

³⁶ BOUSFIELD, 2016, p. 110.

³⁷ FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002. p. 116. O autor dessa nota pontua os nomes dos que trabalhavam nesse projeto, que, diante dos compromissos de Richard Shaull com o Seminário de Campinas (SPS), não podiam estar constantemente no local. Os que trabalhavam em tempo integral eram: o pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana da Lapa e sua esposa, outro casal, o presbítero Paulo Wright e sua esposa, um líder sindicalista do Rio de Janeiro, o seminarista Jovelino Ramos e mais dois presbíteros operários.

³⁸ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

³⁹ TOYOHICO, Kagawa. Disponível em: <<http://www.britannica.com/biography/Kagawa-Toyohiko>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

⁴⁰ SMITH, Richard Charles. *Confidential information for Staff Council acting ad intering for the comission meeting*. EUA. Arquivo da Presbyterian Historical Society, 1958. RG360FILE. p. 1.

⁴¹ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

⁴² SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

⁴³ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

mente, de constatações e de uma autocrítica corajosas.⁴⁴ Nos EUA, era repetida a constatação: os operários estavam fora das igrejas protestantes. O missionário compartilha seu conhecimento de causa:

Assistindo a uma reunião local do Sindicato Internacional de Estivadores e Guardas de Armazéns, tive a oportunidade de indagar do diretor de pesquisas acerca da crença religiosa dos membros do Sindicato e das suas relações com igrejas. Aceitando a definição de cristão, como aquele que crê em Jesus Cristo, como Senhor e Salvador e que procura seguir o Seu exemplo, palavras e atos o diretor do sindicato [...] declarou que uma reduzida minoria não era membro de igreja⁴⁵.

Ainda relatando sobre os EUA, Smith coloca que a mesma situação era percebida na relação do protestantismo com os mineiros de carvão de pedra, com os trabalhadores metalurgia, entre outros, tendo aquele país, sob a ótica do autor, províncias abandonadas da igreja protestante.⁴⁶

E sobre o Brasil, pergunta o evangelista industrial: “E aqui neste país?”⁴⁷.

Alertas ao protestantismo brasileiro da década de 1960

Smith responde à pergunta sobre o Brasil, criando diálogos dramáticos, contextualizando a realidade da igreja protestante no Brasil. O diálogo é entre um evangelista fictício e operários em seus contextos na indústria brasileira. A série de diálogos começa com um diálogo entre o evangelista e um trabalhador do aço:

O EVANGELISTA – Vocês que formam o metal fundido e o aço completo em Volta Redonda, que afirmam? Vocês que olham dentro dos fornos ígneos e toleram o calor terrível, eu conheço seu modo de viver. Eu os tenho visto quando estavam trabalhando. Vocês têm uma tarefa nobre. Vocês é que forjam os tendões da nação, nova e gigantesca. Entendem vocês que Deus santifica esse labor?

O TRABALHADOR EM AÇO – Você diz que nosso trabalho tem importância porque Jesus era carpinteiro. Então por que alguns dos seus discípulos não nos dão as boas-vindas dentro de suas casas e das suas igrejas? O que nos separa – a mancha do nosso labor, a rudeza das nossas mãos? Para nós que fizemos o ferro e o aço, continua uma pergunta inquietada! Por que essa diferença entre a igreja e o carpinteiro?⁴⁸

⁴⁴ BOUSFIELD, 2016, 262.

⁴⁵ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

⁴⁶ BOUSFIELD, 2016, 263.

⁴⁷ SMITH, 1963, v. 1, p. 1.

⁴⁸ SMITH, 1963, v. 1, p. 2. Nessas citações diretas, como as seguintes desse mesmo perfil e mesmo documento, optou-se em conservar o formato em letras maiúsculas dos sujeitos dos diálogos, conforme foi editado no documento original, no intuito de dar ênfase aos mesmos sujeitos. Além disso, também se optou em conservar o português utilizado na época, no sentido de conservar o modo como a fonte se apresenta em sua época e como se diferencia da nossa.

Logo após, um diálogo com trabalhadores e trabalhadoras da indústria automobilística:

O EVANGELISTA – E vocês que trabalham fabricando automóveis na “Fabrica Nacional de Motores” perto do Rio, tanto homens como mulheres, que afirmam?

OS TRABALHADORES EM AUTOMÓVEIS – Você fala na dignidade do trabalho do ponto de vista de Deus. Mas você observou, na ocasião de sua visita, a rotina, a repetição incessante, a monotonia? Aqui na FNM nós torneamos uma porca ou fixamos o ferrôlho e então voltamos a fazer a mesma coisa. Sempre o mesmo! É vontade de Deus trabalharmos desse modo? Quem da igreja entende nosso tédio?⁴⁹

Agora, com um operário mineiro de carvão de pedra:

O EVANGELISTA – Falo a vocês agora que extraem o carvão de pedra nos lugares mais fundos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Eu os tenho visto no negror das minas. Eu os tenho visto entre nuvens de pó, trabalharem com máquinas gigantescas que cortam, amontoam e, às vezes, matam. Deus parece perto de vocês?

O MINEIRO DE CARVÃO DE PEDRA – Às vezes, nos sentimos totalmente separados dos outros. Talvez nossas faces muito pretas repeliam outras pessoas. Ou nossas mãos, cicatrizadas e manchadas do produto das minas? Ou nossa vida muitas vezes simples e amiúde, faltando-nos cultura? Mas por que, se Jesus, o Salvador do mundo, foi um carpinteiro, muitas pessoas não tomam conhecimento de nós?⁵⁰

O evangelista fictício e o candango:⁵¹

O EVANGELISTA – E vocês que construíram a nova capital no Planalto Goiano, que dizem? Vocês que vieram do Brasil todo para criar a cidade nova e brilhante. Vocês que moram na cidade de Planaltina e Formosa entendem bem que Deus santifica o seu trabalho? Oh! Candangos, novos bandeirantes do Brasil, vocês lá encontraram o Carpinteiro de Nazaré?

O CANDANGO – Sim, nós já ouvimos dele, mas ele parece distante. Seus discípulos muitas vezes quase O escondem. Eles nos visitam, mas não se identificam conosco. Eles se gloriam da cidade brilhante que nós construímos, mas não dão atenção às nossas choupanas e cabanas. Por que essa diferença entre o Trabalhador Supremo e as pessoas que o chama de Senhor?⁵²

E encerra o drama, com uma última fala do evangelista:

⁴⁹ SMITH, 1963, v. 1, p. 2.

⁵⁰ SMITH, 1963, v. 1, p. 2.

⁵¹ Candango foi palavra utilizada em vários contextos no Brasil. Era o termo utilizado por africanos escravizados ao tratarem os portugueses. Também era utilizado para indicar gente desprezível. Também foi usado, especificamente, para denominar trabalhadores braçais de fora e, mais ainda, trabalhadores migrantes que construíram a capital Brasília.

⁵² SMITH, 1963, v. 1, p. 2.

O EVANGELISTA – Nós temos ouvido suas perguntas, óh trabalhadores e construtores de Brasília. Essa separação entre os trabalhadores e igrejas existe através do mundo inteiro. Mas tenhamos a certeza de que a Igreja de Jesus Cristo está avançando neste grande país e continuará a avançar! Esperamos que ela se encontre com vocês na fábrica, na mina, no moinho, e na cidade satélite. Mas agora mesmo o Carpinteiro, Seu Salvador, está lhe falando pessoalmente. Ele quer tê-los como seus discípulos. Ele quer também usá-los para construir seu Reino!⁵³

O texto revela que Smith aprendeu bem o português, além de revelar um conhecimento contextual sobre a sociedade, a economia e a história do Brasil. Certamente esse missionário ou viajava muito pelo Brasil da década de 1960 ou estava conectado ao jornalismo, radiofônico ou escrito, e/ou a livros de história.

O drama que utiliza nessa ficção apresenta uma realidade religiosa e social. Em termos estatísticos, desde a segunda metade do século XX, o protestantismo brasileiro, que se apresenta como “histórico”, praticamente não cresceu, se comparado a instituições pentecostais⁵⁴, que, diferentemente dos protestantismos históricos, não repugnavam o brasileiro comum, o brasileiro que não era da classe média.

Smith percebe essa estagnação no mundo inteiro. O Brasil da década de 1960 se industrializava, e os problemas cresciam demasiadamente, principalmente a uma classe que migrava do campo para a indústria. Por isso constatamos:

As repetições exaustivas no trabalho industrial – que só conseguem ser engraçados no filme *Tempos Modernos*⁵⁵, de Charles Chaplin –, o calor e o barulho da indústria, a poluição, a choupana ou o casebre da vila operária são elementos históricos que só conhece quem se informa muito bem ou quem vivencia cada uma dessas situações⁵⁶.

No final desse artigo, finaliza Smith: “E agora meus distintos leitores, que é que vão fazer vocês para ajudar esses trabalhadores neste encontro? Qual será sua parte na redenção das províncias abandonadas do protestantismo?”⁵⁷.

Considerações finais

Concluindo, não há espaço aqui para apresentar os movimentos históricos posteriores a esse artigo de Smith, e os rumos que tanto a IPB como outros segmentos evangélicos tomaram. Isso seria matéria-prima para outro artigo. Mas vale ressaltar

⁵³ SMITH, 1963, v. 1, p. 2.

⁵⁴ MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de estudos de Religião*, São Paulo, p. 68-95, 2008. p. 69.

⁵⁵ TEMPOS MODERNOS: Resumo. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=181>>. Acesso em: 28 jan. 2016. Filme estadunidense dirigido pelo cineasta Charles Chaplin, em que este também atua. O filme sinaliza os problemas sociais e econômicos que um ambiente em industrialização pode gerar às pessoas da classe trabalhadora. Mesmo em forma de comédia, o filme retrata essas situações dramáticas do mundo industrial.

⁵⁶ BOUSFIELD, 2016, p. 265.

⁵⁷ SMITH, 1963, v. 1, p. 2.

que ocorreu um desaceleramento do crescimento no número de adeptos, ocorrido na IPB na segunda metade do século XX, em comparação com as denominações pentecostais, como a Igreja Assembleia de Deus, hoje a maior denominação evangélica do país. Contexto em que o Brasil cada vez mais se industrializava.

O que salientamos nessa conclusão foi a percepção de Smith que, ao observar o mundo industrializado, percebeu que o protestantismo histórico repelia por várias razões o operário, sua família e sua realidade. Tal repulsa, na percepção do missionário, possui critérios de seleção e exclusão que se manifestam em termos sociais, intelectuais, econômicos e em termos teológicos.

Smith vislumbrou e problematizou a realidade dos operários brasileiros em seus contextos de trabalho e vida, bem como na sua relação de distanciamento com a igreja protestante. Intrinsecamente, é possível perceber no artigo alguns dos critérios pontuados no parágrafo acima em termos mais específicos, como: os operários sentindo rejeição por parte da igreja, sobretudo por causa da precariedade e simplicidade das suas atividades, tratando-se de uma discriminação socioeconômica; a incapacidade da igreja em perceber a humanidade de Cristo, sobretudo em relação ao quesito trabalho, ou seja, de que Cristo fora um carpinteiro (trabalhador braçal) e filho de um carpinteiro, e isso pode ser uma chave hermenêutica em termos de aproximação, evangelização e interesse pelos trabalhadores e a tudo o que lhes diz respeito, sobretudo os problemas a serem analisados e tratados.

Há ainda outros, como: as dificuldades e problemas no ambiente de trabalho, como as muitas e exaustivas repetições, acidentes de trabalho e o sentimento de falta de dignidade por parte da classe operária, onde já está incluída também nesse mesmo ambiente a mulher operária; o não acesso a uma formação cultural mais intelectualizada; a migração em busca de trabalho e sobrevivência, como o movimento migratório ocorrido na construção de Brasília e o seu contexto paradoxal com as cidades satélites, paradoxo semelhante entre igreja e o mundo do operariado, na visão de Smith.

Smith pontuava não apenas uma realidade problemática, mas ao mesmo tempo um desafio à IPB.

Diante do que fora pontuado neste artigo, é conveniente salientar que a teologia da “Solidariedade Fiel” de Smith se define enquanto teologia como ato segundo, como reflexão sobre a prática da fé cristã em solidariedade fiel com o povo oprimido. Características do refletir relacional e teológico de um Juan Luis Segundo, de um Paulo Freire, ou de um Gustavo Gutiérrez, se fazem notar no pensamento e na ação de Smith, ainda que independentes daqueles.

Ideias como as que sedimentaram o arcabouço teórico da TDL ou do *Social Gospel* não nascem da cabeça dos intelectualmente superiores, mas do mundo da pastoral popular e das relações cotidianas, como num ambiente de trabalho ou numa vila operária. Por isso não nos surpreendemos que teologias feitas em ambientes diferentes e com heranças díspares afinem-se numa mesma práxis, mesmo sem um conhecimento mútuo e prévio.

Referências

- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002.
- HENRY, Snyder Gehman. John Alexander Mackay: as President. *Princeton Seminary Bulletin*, Princeton, v. 52, n. 4, p. 3-14, May 1959.
- JIM Crow Laws. Disponível em: <http://www.nps.gov/malu/learn/education/jim_crow_laws.htm>. Acesso em: 06 mar. 2017.
- LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Revista de estudos de Religião*, São Paulo, p. 68-95, 2008.
- NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE, 1992.
- SANTOS, Higinio Bento (Org.). *Livro de Atas do Conselho da Igreja Presbiteriana de Criciúma*. 1962.
- SILVA, Sandra Cristina da; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *Educação Impressa: estratégia presbiteriana de educar por meio da imprensa protestante*. Disponível em: <<file:///C:/Users/Dell/Downloads/Dialnet-EducacaoImpresa-4701970.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2017.
- SHAULL, Richard. *Surpreendido pela Graça: memórias de um teólogo, Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Tradução de Waldo Cesar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SMITH, Richard Charles. A igreja na fronteira operária. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo, ago. 1963. 4 v.
- _____. A evangelização industrial. *Revista Teológica do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas*, Campinas, n. 33 e 34, p. 91-113, 1964.
- _____. *Ficha Biográfica e Eclesiástica do Rev. Richard Charles Smith*. EUA. [19-?]. Arquivo do Presbyterian Historical Society, RG360FILE.
- _____. *Confidential information for Staff Council acting ad intering for the comission meeting*. EUA. Arquivo da Presbyterian Historical Society, RG360FILE, 1958.
- _____. *Interview of Richard Charles and Beatrice Boot Smith*: a 60 minute audio tape recorded at Westminster Gardens, a Presbyterian retirement home. Philadelphia, Presbyterian Historical Society [call no.: CASSETTE TAPE 1936], 03 fev. 1987. Entrevista concedida à PCUSA.
- _____. *The Seminary department of field work (1952-1957)*. San Anselmo (CA): San Francisco Theological Seminary, 1957. p. 2.
- _____. *A Critical Evaluation of Industrial Evangelism in the United States of America*. 1959. 143 f. Tese (Doutorado em *Theology in Ecumenics*) – University of Geneva, Geneva, Switzerland, 1959.
- TEMPOS MODERNOS: Resumo. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=181>>. Acesso em: 28 jan. 2016.
- TOYOHICO, Kagawa. Disponível em: <<http://www.britannica.com/biography/Kagawa-Toyohiko>>. Acesso em: 29 mar. 2017.